

São Paulo, 18 de novembro de 2022

Queridas e queridos membros do GPDH,

Esse grupo, como algumas/ns devem saber, é em parte derivado da Cátedra USP/UNESCO de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância do IEA que encerrou suas atividades em 2015.

Como Grupo de Pesquisa no IEA foi pensado desde o seu início, em 2016, junto com a querida amiga e parceira Flávia Schilling, vice-coordenadora à época e mestra na arte de pensar a justiça e o justo com a delicadeza e o propósito necessários. Junto conosco estava o também amigo e parceiro José Sergio da Fonseca, militante pela causa da educação pública e pensador filósofo das políticas de educação em direitos humanos no país. Com eles dividi a coordenação do GPDH entre 2016 e 2019.

Aliada/os com importantes e comprometidas/os pesquisadoras/es que compõem o GPDH vimos, desde então, trabalhando para enfrentar os crescentes desafios em contribuir de forma duradoura com uma cultura de Direitos Humanos frágil e hesitante no país. Fazíamos isso nas pesquisas que orientávamos e realizávamos, na vida acadêmico-universitária e em diferentes lugares do país enquanto juntos, e cada um a seu modo, trabalhávamos pelo fim da violação a esses mesmo direitos.

Intimamente sabemos que esse é um trabalho sem termo. Não há platôs, pontos de chegada e nem atalhos e aquelas/es que se prontificaram nesse caminho sabem dos custos pessoais de percorrê-lo. Na universidade temos um duplo trabalho, as vezes triplo, de compatibilizar transmissão, reflexão e crítica aos Direitos Humanos, com o sentido da urgência que a defesa dos DH exigem; de compatibilizar o trabalho solitário e monástico da pesquisa à construção coletiva e plural do direito a ter direitos. Nunca bastará apenas pensar ou falar sobre DH enquanto as condições que os possibilitam estiverem sendo flagrantemente atacadas.

Anos atrás vi Rosa Cardoso, importante advogada icônica na defesa de presas/os políticas/os durante a ditadura civil-militar no Brasil, emocionada, dizer dos custos pessoais em trabalhar pelos DH no Brasil. Ela dizia que por causa disso, mal acompanhou o crescimento das netas e, nesse momento, verteu lágrimas. Em nosso último encontro do ciclo Amelinha Teles juntou-se a nós. Nessa ocasião confessou as dificuldades que sempre teve de falar sobre e contra a tortura tendo sido ela mesma, seu companheiro, filha e filho torturados.

Em 2019 assistimos valentes defensoras e defensores de DH no Brasil, dirigirem-se à Comissão Interamericana de DH, comovidas/os, atemorizadas/os ou em lágrimas diante da devastação provável do governo recém eleito aos DH, mal consolidados no país. Como previsto, o trabalho de destruição se iniciaria logo nos primeiros meses do governo.

Nós mesmos, por vezes, mal compreendemos como e porque permanecemos aí onde tantas dores desaguardam e consideramos, talvez presunçosamente, sermos capazes de suportar as dores alheias e as nossas, no mesmo torvelinho em que buscamos saídas, para não nos afogarmos em ambas. Trabalhar pelos DH, por algum motivo, parece um caminho que nos sustenta.

Quando veio o governo que ora termina, tivemos discussões difíceis sobre nosso papel e destino, ameaçadas/os diante da certeza de que os DH seriam frontalmente atacados - como o foram -, mas também pelo sentido amealhado que os DH teriam em nossas vidas de 2019 em diante. Mais ou menos nesse período, e com o distanciamento de Flávia Schilling e José Sergio da coordenação, Andrei Koerner somou nesse trabalho e reinstaurou, com sua disciplina e seriedade, novos caminhos que frutificaram no GPDH. Iniciativas e articulações inéditas foram realizadas graças ao seu trabalho, suas propostas e iniciativas.

A estratégia que juntos construímos de eventos/atos/manifestos, dentro de um mesmo ciclo intitulado Construção e Desmonte das Políticas de Direitos Humanos no Brasil diagnosticando, produzindo manifestos, publicando e indicando caminhos fortaleceu o trabalho do GPDH e produziu novas

articulações entre pesquisadoras/es, ativistas, parlamentares, mídias livres e membras/os de sucessivos governos anteriores.

A construção de um ministério de Direitos Humanos, das políticas de gênero, das políticas raciais e o exame da incipiente política de prevenção e combate à tortura no Brasil, foram matéria de exame apurado e publicação subsequente que, por sua vez, contou com a parceria do CEDEC e o apoio incondicional do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Os cadernos CEDEC sobre o ciclo se constituíram em material precioso que já estamos retrabalhando e apresentando, como subsídios para a proposição dos trabalhos de reconstrução no país.

Tudo isso, contudo, foi fruto da fantástica sinergia que se criou entre os/as componentes do grupo no momento em que víamos uma frondosa árvore desabar enquanto, ao lado, plantávamos singelas sementes. Mas não éramos apenas nós que o fazíamos e a evidência disso foi deflagrada com o resultado da última eleição. A vitória numa eleição quase impossível de vencer deve ser atribuída a milhões.

Como vencemos? Como seria se não tivéssemos vencido? E o que significa vencer num horizonte ainda tão incerto, no curto e no médio prazo, num país tão peculiar como o Brasil, onde muito pouco se consolida e se institucionaliza perenemente?

Propus e defendi esse I Encontro do GPDH, que ora termina, para que esses esforços que fizemos dentro e fora do âmbito das atividades do grupo, possam ser mais bem conhecidos e reconhecidos entre as/os membras/os do GPDH e brindados com o espírito da amizade, do companheirismo e da esperança que soubemos plantar, mesmo e enquanto víamos o mundo que sonhávamos ruir em todas as partes. Maria José, Diana, Andrei e Paulo K trabalharam para que estivéssemos juntas/os nesses dias.

Durante esses dois dias, ao longo dos quais puderam se apresentar mutuamente pessoas que trabalharam irmanadas nos últimos quatro anos, algumas das quais que sequer se conheciam pessoalmente, pudemos garantir e

consolidar a pertinência de tudo o que fizemos, para que isso não se descole de quem somos quando estamos sós e quando estamos juntos; quando estamos virtuais e quando estamos em presença umas/ns das/os outras/os.

Na ocasião desse I Encontro do GPDH, Wânia Pasinato, querida amiga na construção desse grupo e desse projeto se soma à equipe de coordenação. Restauramos um trio de coordenação como era no começo e em tempos de recomeço.

Obrigado a todas/os por atenderem ao convite para mais dois dias de trabalho, como também, de congratulações e amizade sobre a égide da esperança no porvir que hoje nos inunda, comove e inspira.

Com amizade, sempre e ainda pelos Direitos Humanos

Paulo Endo

Coordenador do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo